

A história das Escolas de Samba: Unidos da Tijuca e seus enredos “É Segredo” e “Esta Noite Levarei Sua Alma” como peça literária

The history of the samba schools: *Unidos da Tijuca* and its lyrics “É Segredo” and “Esta Noite Levarei Sua Alma” as literary works

Marcus Paulo de Oliveira¹

Cristina da Conceição Silva²

RESUMO

O presente artigo busca evidenciar a cultura carioca a partir do surgimento das escolas de samba, mostrando que sua origem advém de grupos carnavalescos que no passado existiam na cidade do Rio de Janeiro, e pelas ruas da cidade desfilavam nos dias de Momo. Em busca de aceitação social, os negros, como tática de penetração social, passam a fazer seus desfiles na cidade carioca e, em meio às perseguições, resistiram e deram um novo tom aos desfiles de carnaval com a criação das escolas de samba. Nesse construto, nascem agremiações que ainda hoje existem para o deleite dos apaixonados pelo carnaval e pela cultura; é o caso da escola de samba Unidos da Tijuca, que, como outras agremiações, surgiu da resistência de grupos de camadas populares do bairro da Tijuca e com seus enredos emblemáticos mudou o conceito de comissão de frente no contexto do Carnaval da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Escola de samba; Unidos da Tijuca; Enredos.

ABSTRACT

This article aims to examine carioca culture through the emergence of samba schools showing that these arose from carnival groups that once existed in the city of Rio de Janeiro. These used to parade on the streets of the city on Momo days. In seeking social acceptance, black people started to hold parades in the city of Rio de Janeiro as a way to break into society. They resisted in the face of persecutions and gave a new tone to the carnival parades with the creation of samba schools. Associations, that still exist today, were created in this process, to the delight of lovers of carnival and culture. This can be seen in the case of the samba school Unidos da Tijuca that, like other associations, arose from the resistance of working class people in the neighborhood of Tijuca. With their iconic lyrics they changed the concept of the front commission at the Rio de Janeiro City Carnival.

Key words: Samba School - United of Tijuca. Lyrics.

203

¹Designer gráfico – Universidade Estácio de Sá. E-mail: marcuseoliver@gmail.com

² Doutora – Unigranrio/UCAM E-mail: cristinavento24@yahoo.com.br

Introdução

A temática em pauta visa tratar da história das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, que têm sua matriz a partir dos Ranchos, Grandes Sociedades e Blocos Carnavalescos e se constituem como um grupo de entretenimento que se fez resistente nos anos 20 do século XX. Sua história se entrelaça com a história dos pobres e negros renegados pela elite, que desfilavam nas ruas da cidade carioca. Essa elite considerava a cultura dos grupos de pertença étnica afrodescendente não aceitável. É nessa ambiência que nascem as Escolas de Samba cariocas que com o tempo se organizaram ao ponto de participarem entre em si de concursos competitivos. Assim sendo, a escola de samba Unidos da Tijuca, seguindo o caminho dos nichos pobre e popular de suas coirmãs, se estabelece no bairro tijucano e conquista seu espaço com enredos inusitados, retratados e representados de forma impactante pelas comissões de frente dos desfiles dos anos de 2010 e 2011.

Nesse sentido, esse artigo, que tem sua iniciativa por meio de encontros com grupos de pesquisa

voltado para as temáticas em diversidade, étnia e religiosidade, busca mostrar a cultura popular e sua força, bem como os impactos que ela provoca nos amantes do carnaval.

Assim sendo, contamos com contribuições de literaturas que versam sobre o teor dessa pesquisa, além do caderno abre-alas da Liga Independente das escolas de Samba do Rio de Janeiro. Foram utilizados os aportes teóricos de Simas (2016), Spinola (2012), Barros et al (2010) e (2011) entre outros autores que foram de suma importância para o desenvolvimento desse artigo.

Outrossim, essa investigação se justifica tendo em vista que buscamos evidenciar uma temática que ainda se encontra caminhando de forma tímida no universo acadêmico, uma vez que a discussão acerca desse tema é nova no ambiente universitário.

Assim surgem as escolas de samba

Segundo Simas (2016), do ponto de vista histórico e social, as Escolas de Samba são o produto das modificações de manifestações culturais do carnaval carioca coligada

ao surgimento do Samba moderno. As escolas têm como marco histórico de surgimento o ano de 1928.

Na segunda metade do século XIX, havia no Rio de Janeiro as chamadas Grandes Sociedades Carnavalescas ou clubes sociais que agenciavam festas diversas e, na época de carnaval, antes do advento das escolas de samba, instituíam cortejos carnavalescos, ou desfiles pelas ruas do Rio de Janeiro com uso alegorias, e, geralmente, fazendo sátiras do governo.

Essas antigas "sociedades" ou clubes que noticiavam os cortejos ou desfiles concorriam entre si, e na época eram a atração predominante do antigo carnaval carioca. No entanto, os membros das grandes sociedades eram compostos pela elite da cidade (SIMAS, 2016).

Houve também os antigos Cordões Carnavalescos, assim como os Ranchos, cujos participantes vinham das camadas populares. Essas tradições e manifestações que um dia foram a principal atração do carnaval carioca desapareceram, tendo as Escolas de Samba ocupado seu lugar.

Alguns historiadores do carnaval tomam como base do

nascimento das Escolas de Samba a fundação da "Deixa Falar", atual Estácio de Sá, no ano de 1928, fundada por Sambistas do bairro Estácio, entre eles, Ismael Silva. A ideia era inventar um bloco de carnaval distinto que dançasse e evoluísse ao som de Samba, diferentemente dos Ranchos que dançavam e evoluíam ao som das marchas-rancho que usavam também instrumentos de sopro e metal e tinham um ritmo mais pausado e diferente. As Escolas de Samba não usavam instrumentos de sopro.

Cabe ressaltar que a década de 1920 no Rio de Janeiro (RJ) foi abalada por um dilema que envolveu as camadas populares urbanas – sobretudo as comunidades afrodescendentes – e o Estado republicano. Enquanto os negros procuravam pavimentar caminhos de aceitação social, o Estado buscava disciplinar as manifestações culturais das camadas populares – uma forma eficiente para controlá-las. Foi desse intercâmbio entre o interesse regulador do Estado e o desejo de aceitação social das camadas populares urbanas que brotaram as primeiras escolas de samba.

As agremiações pioneiras se formaram de um amálgama de diversas referências: a herança festiva dos cortejos processionais, a tradição carnavalesca de ranchos, blocos e cordões e os sons das macumbas, dos batuques e dos sambas cariocas.(SIMAS, 2016, p.02)

Consagrou-se a variante de que o emprego do termo “escola de samba” teria sido um alvitre do cantor e compositor Ismael Silva para instituir a Deixa Falar, agremiação sediada no Estácio de Sá, bairro na região central do Rio. A versão, entretanto, é de difícil aceitação. É mais aceitável que a forma como o famoso rancho de nome Ameno Resedá era designado – Rancho Escola – tenha liderado a denominação que os sambistas usaram para as agremiações carnavalescas que surgiam, assim aduz Simas (2016):

Em 1930, cinco agremiações se definiam como escolas de samba: Estação Primeira de Mangueira, Oswaldo Cruz, Vizinha Faladeira, Para o Ano Sai Melhor e Cada Ano Sai Melhor. Sobre a Mangueira, Cartola, um de seus fundadores, afirmava que a escola fora criada no dia 28 de abril de 1928. Entretanto, o jornalista Sérgio Cabral encontrou, entre os pertences do radialista Almirante, um papel timbrado que afirmava ter a Mangueira sido criada em 28 de abril de 1929 – um ano depois, portanto, da data apontada por Cartola. (SIMAS, 2016, p.03).

A despeito da controvérsia sobre a data da fundação, o que se sabe é que a ocupação do Morro da Mangueira, datada do final do século XIX, apressou-se no início da década de 1920, com a chegada de muitos moradores expulsos do Morro do Castelo, que acabara de ser demolido no centro do Rio. A tradição dos batuques afrobrasileiros era muito forte desde os primórdios da ocupação do morro. Uma das principais lideranças da Mangueira nos tempos em que a escola começou a ser gestada foi Tia Fé, respeitada mãe de santo e matriarca do samba mangueirense.

No final dos anos 20 do século XX, o alufá – sacerdote de um culto que misturava o islamismo com a devoção aos orixás iorubanos – José Espinguela constituiu as duas primeiras disputas entre sambistas das escolas que surgiam. Não fora ainda um desfile em cortejo: o concurso de Espinguela visava julgar apenas os sambas que os compositores das escolas faziam.

A primeira disputa entre as escolas de samba foi com o evento de um pequeno cortejo que aconteceu em 1932. A festa foi apadrinhada pelo jornal *Mundo Sportivo*, dirigido por Mário Filho, jornalista que contribuiu

terminantemente para que o samba e o futebol conquistassem de vez as ruas do Rio de Janeiro. O concurso contou com a participação de 19 agremiações que desfilaram em frente a um coreto montado na Praça Onze de Junho.

O júri, formado por Álvaro Moreira, Eugênia Moreira, Orestes Barbosa, Raimundo Magalhães Júnior, José Lira, Fernando Costa e J. Reis, premiou quatro escolas: Mangueira, Vai como Pode – nome adotado pela Oswaldo Cruz antes de virar Portela –, Para o Ano Sai Melhor e Unidos da Tijuca (SIMAS, 2016, p.04).

Segundo o regulamento, as agremiações não tinham nenhum comprometimento de criar sambas pautados a um enredo. Cada escola poderia apresentar até três sambas, com temática livre. A vitoriosa Mangueira cantou dois: “Pudesse Meu Ideal”, de Cartola e Carlos Cachça, e “Sorri”, de Gradim.

Poucos poderiam supor que naquele início da década de 1930 estava sendo gestado o evento que acabaria se sagrando como o maior conjunto de manifestações artísticas simultâneas do planeta: o desfile das escolas de samba cariocas. Cartola, assim como Paulo da Portela, Heitor

dos Prazeres, Antenor Gargalhada do Salgueiro e tantos outros, teve seu nome inscrito na história da cultura brasileira como um de seus geniais criadores, assim destaca Simas (2016).

Unidos da Tijuca suas raízes no Morro do Borel

No bairro da Tijuca, na Zona Norte da cidade carioca, a cadeia montanhosa a partir do século XX, passou a ser habitada por escravos alforriados e seus descendentes. Na mesma época, também se instalaram no complexo de morros do Borel as famílias dos fundadores da Unidos da Tijuca – os Moraes, os Chagas, os Santos e os Vasconcelos, especificamente no Morro do Borel, como declara Spinola (2012).

O Morro do Salgueiro foi a primeira favela da Tijuca. Logo depois, surgiram o Morro do Borel e o Morro da Formiga. Em 1921, os morros da Tijuca começaram a ser ocupados pela população removida do Centro da cidade com a reforma urbanística do prefeito Pereira Passos. O Morro do Borel herdou o sobrenome de dois irmãos franceses, da família Boreu Meuron, donos da Grande Fábrica de Cigarros, Fumos e Rapé de

Borel & Cia, localizada na subida da favela.

Durante muitos anos, a Unidos da Tijuca esteve sediada no Morro do Borel. Em 1988, devido à violência no morro, a escola mudou sua quadra para o bairro de Santo Cristo, na Zona Portuária do Rio. Em 2006, o espaço da antiga sede, no Morro do Borel, foi reativado com a instalação da ONG Instituto Cidadania. Apesar de ter sido fundada no Borel e ter sua quadra em Santo Cristo, a escola de samba foi criada para representar todo o bairro da Tijuca. O local também é berço de diversas personalidades, como Aldir Blanc, Bibi Ferreira, Ed Motta, Erasmo Carlos, Lamartine Babo, MC Nego do Borel, Milton Nascimento, Tim Maia, Tom Jobim, entre outros. Também é o único bairro do Rio que tem hino, brasão, bandeira e gentílico ("tijucano"). A agremiação homenageou a Tijuca no carnaval de 1969, com o enredo "Tijuca sempre jovem", assim aduzem Bastos (2010) e Spinola (2012).

Os autores apontam que o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca foi fundado em 31 de dezembro de 1931, sendo a quarta escola de samba a ser fundada (depois de Deixa Falar, Portela e Mangueira).

A agremiação foi criada a partir da fusão de quatro blocos existentes nos morros da Casa Branca, Formiga, Borel e Ilha dos Velhacos: o Bloco do Velho Ismael Francisco e Dona Blandira (da família Moraes); o Bloco do Velho Pacífico (da família Vasconcelos); o Bloco do Caroço (da Ilha dos Velhacos) e o Bloco de Dona Amélia (do Morro da Formiga). Apesar de abrigar terreiros de samba e blocos carnavalescos, a Tijuca não possuía uma escola de samba. Com isso, sambistas e foliões da região se reuniram no terreiro da Família Vasconcelos, na subida da Rua São Miguel, número 130, casa 20, e decidiram criar a primeira escola de samba da localidade.

O nome "Unidos da Tijuca", observa Spinola (2012), faz referência à união de blocos da Tijuca para fundar a primeira escola de samba da localidade. Inicialmente, o símbolo da agremiação consistia em duas mãos entrelaçadas e circundadas por dois ramos, um de café (em referência à época em que a Tijuca era conhecida como "área do café", no século XIX) e outro de fumo (referência à fábrica de cigarros da região); e a inscrição "UT" (abreviação de Unidos da Tijuca). A partir de 1984, a escola adotou o pavão

real como símbolo. Desde sua fundação, a agremiação tem como cores o azul-pavão e o amarelo-ouro. Ambas as escolhas são atribuídas a Bento Vasconcelos, um dos fundadores da escola.

Há duas versões para a escolha das cores. Uma versão sustenta que foram adotadas as cores utilizadas pela Grande Fábrica de Cigarros, Fumos e Rapé de Borel & Cia, localizada no Morro do Borel, para embalar seus produtos. A outra versão aponta para uma inspiração na Casa de Bragança. As cores usadas pela Corte Imperial significavam prova de bom gosto em suas vestimentas, declaram Bastos (2010) e Spinola (2012).

Também há duas versões, segundo os autores, para a escolha do símbolo. A primeira também sustenta uma inspiração na Fábrica dos Irmãos Borel, que teria as embalagens de seus produtos nas cores azul e amarelo-ouro, além da impressão de um pavão real. A segunda versão indica que, durante os preparativos para o carnaval de 1984, o pavão era utilizado como símbolo do enredo nas camisetas dos componentes, quando o compositor Carlinhos Melodia sugeriu ao então presidente da escola, Luis Carlos Cruz, que fosse colocado o pavão no carro

abre-alas do desfile. A sugestão foi aceita e, a partir de então, o animal se tornou o símbolo maior da agremiação tijucana.

Fernandes (2001) expõe que a escola de samba, um dos maiores espetáculos festivos da modernidade, é uma criação cultural popular inventada e organizada por grupos sociais das favelas, subúrbios e bairros populares do Rio de Janeiro no final da década de 1920. Quando as Escolas de Samba surgiram, o carnaval carioca já era um evento célebre e internacional. Em grande parte, era dominado por manifestações como as grandes sociedades e o curso, arquitetados e comandados pelas classes superiores da capital do Brasil. Os criadores das escolas de samba não tinham um palco festivo destinado a eles, desciam dos morros e subúrbios para ocupar espaços na cidade carioca com seus espetáculos.

Nos subúrbios e favelas do Rio de Janeiro, as escolas de samba demonstram as possibilidades existentes entre os homens e o meio ambiente, uma vez que através dessas comunidades segregadas, esses homens se uniram em prol de sua cultura. Tal aglutinação deu vozes a esses homens, ganhando visibilidade

através de uma expressão festiva que, aos poucos, ganharam o direito a exibirem sua cultura na cidade carioca. Assim, o samba acaba por ser difundido como uma das representações mais clássicas desta cidade e da nação (FERNANDES, 2001).

Por essas razões, o caminho bem-sucedido das escolas de samba serve de artifício para as classes dominantes lançarem mão do discurso de raiz e de mito da democracia racial no Brasil.

Empreendendo esta busca, pudemos constatar, principalmente a partir de Martin-Barbero (1998), que, depois de ser descoberta pelos românticos no final do século XVII, a cultura popular evoluiu seguindo um curso de diluição entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, sobretudo pela emergência do conceito de classe social no pensamento marxista, e pelo de massa no discurso da direita. Além do mais, neste período, a ideia de povo estava inteiramente associada ao Estado nacional moderno como mostra Hobsbawm: “Entretanto, tal dissolução só não foi completa porque o anarquismo, com seus traços de romantismo, valorizou a cultura

popular, suas músicas e festas e não desdenhou suas crenças religiosas” (FERNANDES, 2001, p.28).

Os enredos “É Segredo” e “Esta Noite Levarei sua Alma” e suas místicas

O enredo é uma peça literária, uma definição ou prospecção escrita daquilo que a escola mostrará na avenida. Nesse ponto há certa tensão com aquilo habitualmente identificado com “linguagem carnavalesca”, de caráter ordinalmente libertário e revolucionário, como descreve Araújo (2010):

Os temas dos enredos são muito variados. E podem ser distinguir pelo menos os seguintes tipos: histórico, literário, folclórico, homenagem à personalidade/biográfico, metalinguístico, geográfico, de crítica social, de humor, abstrato ou conceitual, sobre objetos, esportivo, de temática infantil, de temática afro-brasileira, de temática indígena e de patrocínio. (ARAÚJO, 2010, p.151)

Alguns enredos, de acordo com o autor, podem ser colocados em mais de uma categoria e, geralmente quando há uma pesquisa complexa, o idealizador que pode ser o carnavalesco e ou comissão de carnaval, por não ter muita intimidade com o processo de pesquisa e

formatação escrita do enredo, delega a tarefa a terceiros – geralmente estudantes universitários e/ou professores de história, geografia e outras ciências humanas, com mais domínio da escrita técnica.

A participação satisfatória no desfile do grupo especial requer aprofundamentos sofisticados nos vários itens que compõem o regulamento, desde a pesquisa do enredo (que deve ser “original”) a seu desenvolvimento, roteiro, desenho e projetos de fantasias e alegorias e a contratação de inúmeros técnicos e artesãos especializados. (ARAÚJO, 2010, p.155)

No caso de um enredo “simbólico”, identifica Araújo (2010) que o domínio conceitual cabe exclusivamente ao carnavalesco, profissional polivalente que atua em várias frentes do processo de criação, produção, mediação e performance artística. Em tradição principiada entre as décadas de 1960 e 1970, por Fernando Pamplona, João Trinta e Arlindo Rodrigues, esse profissional não desempenha apenas o papel de artista plástico, mas assume ainda funções de pesquisador, escritor, diretor de espetáculo e relações públicas – e, de modo recente, de agente captador de recursos (a partir de um “enredo patrocínável”).

No quesito enredo, desde a década de 1960, a Sapucaí tem sido palco de verdadeiras demonstrações de virtuosas pesquisas históricas, reconstruções de época (tanto em cenografia quanto em indumentária), tudo isso abalizado em prospectos escritos que flertam espontaneamente com o mundo da pesquisa acadêmica – o mundo letrado, da língua escrita, do capital escolar e universitário, como observa Araújo (2010).

Nesse contexto, dois enredos da Unidos da Tijuca, declaram Barros et al (2010), impactaram o público da Marquês de Sapucaí, como é o caso de “É Segredo”; um enredo simbólico que em sua narrativa defendeu que por trás de um segredo sempre existe um desejo inconfessável. Desejo esse de quem esconde ou de quem procura revelá-lo. O enredo descreveu que por meio de marcas profissionais dos: pesquisadores, arqueólogos, detetives, histórias e objetos são revirados, investigados, e esses estão atentos a cada detalhe e, assim, juntam pedaços, levantam dados, analisam informações, quebram cadeados, códigos secretos e senhas, abrem portas para penetrar o desconhecido. Esses espíritos investigativos não se satisfazem jamais, porque não

acreditam que as coisas possam desaparecer ou surgir de modo repentino. Para eles, nada é descrito sem que se consiga decodificar o mistério ou encontrar a resposta. Enfim, o segredo é a alma do negócio! Ele pode criar enigma, charada, ilusão e ainda pode provocar o instinto dos inconformados, dos cientistas, dos investigadores, do público, dos curiosos e dos concorrentes. O segredo ainda pode, acima de tudo, ocultar para que não se perca o encanto, a magia de acender o incessante desejo da procura. E, assim, a escola, através de um tema enigmático, evidenciou muitas formas de segredos e apresentou o seu maior segredo que foi a troca de roupa da comissão de frente em plena avenida, como observam Barros et al (2010).

De acordo com Barros et al (2011), o enredo “Esta Noite Levarei Sua Alma” apresentou o medo através do cinema. Foi um enredo que buscou uma super produção que contou com a participação especial de Caronte como o fio condutor, o barqueiro da morte que abriu o desfile.

Esse personagem da mitologia, filho de Nix, a noite, atravessa as almas em sua barca, pelo rio Aqueronte, caminho que conduz até o Hades, mundo inferior grego para onde vão os mortos. O filme exibido pela

Tijuca incita o público a rever cenas e filmes inesquecíveis.(BARROS et al, 2011, p.182)

O enredo trouxe ainda algumas das mais instigantes ideias que inspiraram os grandes cineastas que se alimentaram de desejos e atitudes que fazem parte da natureza humana, como o medo. Figuras dramáticas incríveis e lugares extraordinários eternizados pela produção cinematográfica que levam milhares de espectadores a lotar as salas de cinema se materializaram no desfile da escola tijucana. Dessa forma, a Tijuca transformou a Passarela do Samba em uma grande sala de exibição, para mostrar como a imaginação é capaz de fazer com que o medo também diverte. Nessa ambiência, foram elencadas histórias de conquista, fundamentadas em fatos reais que foram recriadas na tela, para que fossem vivenciadas centenas de anos depois, emocionando gerações. Apaixonados por cinema, milhares de pessoas embarcam nas aventuras concebidas por mentes criativas, capazes de inventar mundos e guerras intergalácticas. A sede pela conquista do poder, na realidade ou na ficção, inspirou clássicos sobre guerras e destruição que também se

apresentaram na literatura do enredo da Unidos da Tijuca.

Nessa ambiência, a comissão de frente da Unidos da Tijuca fez com que o público viesse ao delírio com as cabeças que caíam de seus pescoços e seguradas pelas mãos dos membros continuavam a movimentar a boca. Nesse contexto, os enredos, conforme já citamos anteriormente, são peças literárias que com muita criatividade foram capazes de evidenciar de forma criativa segredos e medos que assolam a vida humana.

Considerações finais

As escolas de samba fazem parte da cultura carioca e têm seu reconhecimento dentro e fora do cenário brasileiro. Sua constituição faz parte de um movimento de luta das camadas populares, e hoje essas escolas alcançaram todas as classes sociais que na atualidade as contemplam. A desenvoltura do

carnaval carioca fez com que as escolas de samba nascidas em ambientes simples e de forma artesanal alcançassem o estrelato mundialmente.

Nessa ambiência simples e popular, nasce a Escola de Samba Unidos da Tijuca, que tem sua história marcada pela criatividade dos moradores de classe popular do bairro da Tijuca que outrora, ao unirem forças, dão vida a uma agremiação que se fez grande ao longo das décadas. Essa agremiação de forma criativa e destemida trouxe para o carnaval carioca, através de suas comissões de frente nos anos de 2010 e 2011, inovações que ainda não tinham sido vistas no cenário do carnaval e, assim, impactaram e transformaram o conceito de comissão de frente de simplesmente abrir o desfile e apresentar a agremiação, mas também de dialogar com o enredo de forma efetiva e marcante.

Referências

AMARAL, Marly Spinola do. **Tijuca!!! : não é segredo eu amar você!** 1.^a ed. Rio de Janeiro: Marly Spinola do Amaral. ISBN 978-85-913233-0-2, 2012.

ARAÚJO, Eugênio. **Os temas-enredos das pequenas escolas de samba cariocas cultura e arte populares.** Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 149-164, nov. 2010

AUGRAS, Monique. **O Brasil do samba-enredo.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BARROS PAULO, Azevedo Isabel, TRINDADE Ana Paula e MARTINS Simone. **Abre-Alas.** Rio de Janeiro: LIESA, 2010.

BARROS PAULO, Azevedo Isabel, TRINDADE Ana Paula e MARTINS Simone. **Abre- Alas.** Rio de Janeiro: LIESA, 2011.

BASTOS, João. **Acadêmicos, unidos e tantas mais:** Entendendo os desfiles e como tudo começou. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2010.

SIMAS Luiz Antonio. **A ORIGEM DAS ESCOLAS DE SAMBA**, 2016- Disponível em http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/cartola/palacio-do-samba/?content_link=2. Acesso em 10/02/19.

214

O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.

Recebido em 20/09/2019

Aprovado em 18/11/2019